

CENTRO UNIVERSITÁRIO SAGRADO CORAÇÃO

JEDAIAS DE LIMA FERRAZ

**A ESCRITA DO DESEJO: UMA ANÁLISE
INTERPRETATIVA DO TEMPO COMO
(IM)POSSIBILIDADE DE REALIZAÇÃO NOS CONTOS
“CRIME” E “UNIÃO CIVIL” DE MARCELINO FREIRE**

BAURU

2021

JEDAIAS DE LIMA FERRAZ

**A ESCRITA DO DESEJO: UMA ANÁLISE
INTERPRETATIVA DO TEMPO COMO
(IM)POSSIBILIDADE DE REALIZAÇÃO NOS CONTOS
“CRIME” E “UNIÃO CIVIL” DE MARCELINO FREIRE**

Monografia de pesquisa de Iniciação Científica apresentada à Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação do Centro Universitário Sagrado Coração, sob orientação do Profº. Dr. Carlos Eduardo dos Santos Zago.

BAURU

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

F368e

Ferraz, Jedaías de Lima

A escrita do desejo: uma análise interpretativa do tempo como (im)possibilidade de realização nos contos "Crime" e "União Civil" de Marcelino Freire / Jedaías de Lima Ferraz. -- 2021.
20f.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo dos Santos Zago

Monografia (Iniciação Científica em Letras Português - Inglês) -
Centro Universitário Sagrado Coração - UNISAGRADO - Bauru - SP

1. Tempo da Narrativa. 2. Marcelino Freire. 3. Crime. 4. União Civil.
I. Zago, Carlos Eduardo Dos Santos. II. Título.

Dedico este trabalho à minha eterna professora e mãe, Cristiane Nascimento, que despertou em mim o amor pela literatura; à Barbara Bianchi, minha incentivadora de todas as horas, e ao Fábio Merlin, meu amor, que não me deixou desistir em momento algum.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais pela compreensão e incentivo, aos meus amigos que sempre demonstraram interesse em saber a respeito do conteúdo aqui apresentado, ao UNISAGRADO, por todo suporte técnico e bibliográfico, e ao meu paciente e solícito orientador, Professor Doutor Carlos Eduardo dos Santos Zago, o Cadu, muito obrigado.

RESUMO

A literatura tem cumprido seu papel crítico-social através dos séculos. Atualmente, um autor destaca-se no cenário literário brasileiro, Marcelino Freire tem como característica abordar temas sociais polêmicos, visto que seus personagens principais são aqueles deixados à margem da sociedade, fadados, portanto, a todo tipo de preconceito. Outro aspecto importante da escrita de Freire é o uso que o autor faz do tempo. Na literatura, o tempo cumpre o papel de situar o leitor nos acontecimentos que estão sendo narrados. No entanto, as múltiplas maneiras em que ele pode ser empregado influenciam no entendimento da história, uma vez que, na narrativa, ele nem sempre segue uma sequência cronológica. Dessa forma, estudar o tempo da narrativa implica compreender sua pluralidade e a construção do enredo. Assim esta pesquisa teve como objetivo aprofundar os conhecimentos sobre o tempo no gênero narrativo, buscando compreender as diversas maneiras pelas quais ele é manipulado no processo narrativo de Marcelino Freire, particularmente nos contos “Crime” e “União Civil”. O método utilizado foi a revisão bibliográfica, que forneceu subsídios para as análises críticas dos temas-chave e da ação do tempo presente nos contos, as quais mostraram a importância do estudo do tempo e como suas pluralidades influenciam na compreensão de sentidos dos enredos das obras analisadas. Concluiu-se, então, que o estudo do tempo da narrativa se faz importante, pois é contando história que o homem manipula o tempo, buscando colocar ordem no caos vivido pela humanidade, sendo, então, por meio da literatura que essa articulação do tempo é feita, como também a tentativa de organização da realidade e suas críticas às ações humanas.

Palavras-chave: Tempo da Narrativa; Marcelino Freire; Crime; União Civil.

ABSTRACT

Literature has fulfilled its social-critical role over the centuries. Currently, an author stands out in the Brazilian literary scene, Marcelino Freire, has the characteristic of addressing controversial social issues, as his main characters are those left on the margins of society, therefore doomed to all kinds of prejudice. Another important aspect of Freire's writing is the use of time. In literature, time does the role of placing the reader in the events being narrated. However, the multiple ways in which it can be used influence the understanding of the story, since, in the narrative, it does not always follow a chronological sequence. Thus, studying the time of the narrative implies understanding its plurality and the construction of the plot. Thus, this research aimed to deepen the knowledge about time in the narrative genre, seeking to understand the different ways in which it is manipulated in Marcelino Freire's narrative process, particularly in the short stories "Crime" and "União Civil". The method used was a literature review, which provided support for critical analysis of the key themes and the action of time present in the stories, how would the importance of the study of time be and how its pluralities influence the understanding of the meanings of the plots of the works analyzed. It was concluded, then, that the study of narrative time is important, as it is by telling history that man manipulates time, seeking to put order in the chaos experienced by humanity. It is, therefore, through literature that this articulation of time is made, as well as the attempt to organize reality and its criticisms of human actions.

Keywords: Narrative Time; Marcelino Freire; Crime; União Civil.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	9
2. MATERIAIS E MÉTODOS	11
3. RESULTADOS	12
4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	16
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	18
REFERÊNCIAS	20

1.INTRODUÇÃO

A literatura tem cumprido seu papel crítico-social através dos séculos e, nessa jornada, muitos autores se destacaram, deixando um grande legado com sua maneira de retratar a sociedade.

Atualmente, um autor tem se destacado no cenário literário brasileiro. Marcelino Juvêncio Freire é pernambucano de Sertânia e, além de escritor premiado - com o Jabuti por seu livro *Contos Negreiros (2006)*; Machado de Assis, de Melhor Romance pela Biblioteca Nacional (2014), por *Nossos Ossos*, seu primeiro romance -, é também editor. O escritor é conhecido ainda por ter criado a *Balada Literária*, evento anual que reúne artistas e escritores para debates sobre arte contemporânea e para oficinas de escrita literária.

Marcelino Freire apresenta, como marca característica, abordar temas sociais polêmicos, já que seus personagens principais são aqueles deixados às margens da sociedade, enfrentando todos os tipos de preconceito. Segundo Rocha:

[...] além de apresentar os inúmeros tipos de desigualdade social e racial existentes em nosso país, busca também mostrar o lugar em que essas situações se fazem presentes, bem como o discurso proferido por essas personagens que (con)vivem com esses problemas e que, através de suas falas expressivas, conseguem transmitir a imagem de um cenário que precisa ser apresentado à sociedade em geral para que, assim, não caia no esquecimento. (ROCHA, 2015, p-21)

A linguagem adotada pelo autor é de fácil compreensão. Por sua prosa ser, na maioria das vezes, em primeira pessoa, seus contos assumem o formato de verdadeiros monólogos, tipo de texto derivado do gênero dramático. Segundo Pavis (1947, p. 247), o monólogo é um discurso que a personagem faz para si mesma. No entanto, ele também traz consigo aspectos do diálogo, isso geralmente ocorre quando o personagem avalia sua situação, ou seja, dirige-se a um interlocutor imaginário, refletindo sobre suas ações ou decisões a serem tomadas (PAVIS, 1947, p. 247). No teatro a plateia funciona como interlocutor, já no conto, esse papel é representado pelo leitor.

Os discursos das personagens de Freire são carregados de melancolia, ironia, confusões de sentimentos, que retratam os conflitos sociais brasileiros nos

quais se encontram. Digo isso em concordância com ROCHA, 2015. p. 26, que ainda complementa:

Todo esse conjunto de experiências existenciais e de relações de sociabilidade acaba por expor a ferida aberta do preconceito, seja ele referente à classe social, à cor da pele, à orientação sexual, desnudando criticamente, enfim, as desigualdades existentes em nossa sociedade.

O cenário recorrente em suas obras são os grandes centros urbanos, comum na literatura contemporânea. Assim, o autor busca mostrar lados negativos das atitudes tomadas, de forma impensada, que levam a esse cenário de exclusão e preconceito.

Em *Amar é Crime (2011)*, Freire reúne quatorze contos cujas temáticas oscilam entre o amor e o ódio. Seus personagens acabam sentindo as transformações desses sentimentos, que, na maioria das vezes, leva-os a um fim trágico (ROCHA, 2015, p.25). O livro, mesmo abordando a dualidade dos temas, mantém o foco na crítica social, característica presente no restante das obras do autor.

Dois contos que exemplificam a junção das temáticas amor/ódio e crítica social são “Crime” e “União Civil”. No primeiro, o planejamento de um crime retrata a desigualdade social na qual o personagem enunciatador está inserido:

[...] eu vou aproveitar o acontecimento para falar da sacanagem, da falta de educação, de saneamento, do desmoroamento, da chuva quando vem e molha e engole o povo, a enchente, entende qual é o plano, entende, vou sair falando, desafiando o governador, eu quero que o governador apareça, senão essa belezinha aqui vai morrer, a minha namorada [...] (FREIRE, 2015, p.57).

Já no segundo, o autor tematiza a homoafetividade:

– Vamos casar? /- O quê? /- Eu e você, feito homem e mulher. /- Na igreja? /- É./- É pecado. / - Deus não precisa saber. [...] Eu devia ter uns dez anos, nove. Ele também tinha nove, dez. Morávamos no mesmo Poço, em Pernambuco. E já havíamos notado aquele entusiasmo, maior do que o sol, aquele entusiasmo, maior do que o sol. Ave! Dois garotos apaixonados [...] (FREIRE, 2015, p. 76-77).

Outro aspecto relevante na escrita de Freire é o uso que o autor faz do tempo. Esse está ligado ao foco narrativo (NUNES, 2013, p.30). Ou seja, para o entendimento da obra e da crítica dos personagens, é preciso estar atento ao tempo

empregado em suas construções, uma vez que esse nem sempre segue uma ordem sucessiva de fatos:

[...] mas as suas variações não podem ser apreendidas se apenas visamos o *discurso* independentemente da *história*, ou apenas a *história* independentemente do *discurso*. O tempo da narrativa só é mensurável sobre esses dois planos, em função dos quais varia. (NUNES, 2013, p. 30).

Essa variação citada por Nunes pode ser associada ao tempo do enunciado - ao tempo real, imaginário, verbal, linguístico, cronológico, histórico, físico - ou ao psicológico. Assim:

Embora a palavra “tempo” tenha o pendor para significar uma única realidade singular, não é menos um termo polissêmico com que se harmoniza a conceituação de um tempo plural, como conjunto de relações variáveis entre acontecimentos, com apoio na experiência interna ou externa, na cultura ou na vida social e histórica. (NUNES, 2013, p. 70).

Entende-se, então, que o tempo é mais do que passado, presente e futuro ou flexões verbais - suas variações vão além. O estudo do tempo compreende, à grosso modo, a análise do *tempo do narrar* e do *tempo narrado*, sendo o primeiro o momento em que a história está sendo contada ou escrita, e o segundo, o período em que o fato realmente ocorreu. Sendo assim, é preciso encontrar a influência de um e outro na construção de sentido do que foi escrito.

Dito isso, a pesquisa tem como objetivo geral analisar o uso do tempo, bem como sua importância na compreensão de sentidos dos contos “Crime” e “União Civil”, de Marcelino Freire. Assim, os objetivos específicos são compreender as particularidades da utilização do tempo em cada conto, como também analisar o tema do desejo apresentado nas narrativas e as diversas maneiras em que o tempo pode aparecer no processo narrativo.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Neste tópico descreveremos como foram desenvolvidas as etapas de nossa pesquisa, que possui caráter de revisão bibliográfica, já que visa um estudo mais aprofundado sobre o tempo e suas funções no gênero narrativo.

Na primeira etapa, buscamos, em referências da teoria da literatura, textos sobre a concepção de tempo que nos auxiliaram na análise dos dois contos escolhidos de Marcelino Freire, ou seja, procuramos entender a forma como ele é utilizado e suas características em processos narrativos.

Após as primeiras leituras, realizamos as primeiras análises das obras, destacando linhas interpretativas encontradas nos textos, bem como os aspectos temporais, os quais compuseram o relatório parcial da pesquisa entregue em março de 2021.

A partir da finalização das leituras e dos resultados obtidos, realizamos, na segunda etapa, uma análise crítica dos contos “Crime” e “União Civil”, presentes no livro *Amar é Crime*, de Marcelino Freire, destacando outras linhas interpretativas encontradas, bem como a influência da multiplicidade do tempo e sua importância na construção de sentidos na interpretação das obras analisadas.

Ao final do processo, redigimos o relatório final da pesquisa, apresentando todas as análises realizadas a respeito dos contos escolhidos, entregue em setembro de 2021, bem como da monografia, entregue em outubro de 2021 com previsão de apresentação em dezembro do mesmo ano.

3. RESULTADOS.

Antes de apresentar qualquer resultado, é necessário tecer um breve resumo dos contos analisados. Assim o leitor que não conhecer os textos pode ficar a par do enredo, o que pode facilitar a compreensão das análises que virão em seguida de cada síntese.

No conto “Crime”, Marcelino Freire dá voz a um jovem que enuncia seu plano de sequestrar a namorada, pois, segundo ele, ela o traiu. A partir de então, o personagem, calculando as possíveis consequências que seu ato pode trazer, expurga críticas ao governo, à sua condição social e a falta de afeto que teve por parte do pai.

Após uma leitura mais crítica do conto, foi possível levantar alguns questionamentos e linhas interpretativas. O primeiro questionamento já se dá pelo título do texto. Qual seria o crime logo de cara anunciado, aquele que o personagem/ enunciador planeja, sequestrar a namorada; o descaso do poder público com o local em que ele está inserido; ou a forma do texto, uma vez que ele se inicia com um travessão - sinal de fala -? Digo isso porque não se apresenta quem é o narrador que cedeu espaço de fala ao personagem. Somos, abrupta e inicialmente, apresentados ao discurso direto:

- Mãe, ó, o meu plano é assim, uma viagem, vai vendo, eu sequestro minha namorada, porque ela me traiu, quis me deixar, rá, aí eu trago ela aqui para casa, pela garagem, dou um tapa, jogo no sofá, esculhambo, vai vendo, bato, xingo ela de vaca, aí ela vai negar tudinho, vai negar, rá, rá, vai dizer que me ama, aí eu puto, é claro, não vou acreditar (FREIRE, 2015, p. 55).

A partir dessa questão, pode-se afirmar que o conto tematiza a violação do sujeito em vários níveis: na relação do personagem/enunciador com sua suposta namorada e com a sociedade, no descaso do poder público:

[...] eu vou aproveitar todo o acontecimento para falar da sacanagem, da falta de educação, de saneamento, do desmoronamento, da chuva quando vem e molha e engole o povo, a enchente, entende qual é o plano, entende, vou sair falando, desafiando o governador, eu quero que o governador apareça, senão essa belezinha aqui vai morrer [...] (FREIRE, 2015, p. 57).

A violação de si mesmo é outro ponto importante apresentado no texto, juntamente à construção/ projeção do desejo, a vontade de conquistar um objetivo, do personagem/ enunciador, que é voltado para si e para sociedade. No plano individual, o desejo é ter uma namorada, é ter acesso ao gozo, expressado por um discurso carregado de marcas sádicas ao descrever os atos que pretende praticar com a parceira enquanto refém:

[...] quando ela der uma de santa e, de fininho, tentar ligar para chamar o pai, é quando eu pego na arma, saca, mãe, saca, ela vai fazer aquela cara, rá, ó, de susto, de choro, e aí eu esfrego bem no rosto dela o cano do revólver velho, também mostrarei uma faca que rasperei no cabelo da condenada, é, enquanto ela não me contar, sério, rá, rá, o que andou aprontando [...] (FREIRE, 2015, p. 55).

Já a nível social, o desejo é enunciado como revolta, sobretudo pela sensação de descaso do poder público, como já mencionado acima.

A repetição da expressão “vai vendo” soa como um chamado para o leitor prestar melhor atenção ao planejamento que o personagem/ enunciador está fazendo, numa tentativa de provar do que ele é capaz¹.

¹ Como ilustração, podem ser citados os trechos a seguir: “[...] uma viagem, vai vendo, eu sequestro minha namorada”; “[...] vai vendo, aí eu não dou bola, fecho a fechadura, forte, puxo o armário, faço uma barreira e peço que a senhora vá embora, rezar”; “[...] o mundo vai saber de mim, vai saber, mãe, vai vendo”; “[...] vai vendo, a viagem, rá, rá, tudo perfeito, mãe, o plano será um sucesso” (FREIRE, 2015, p. 55 – 60).

O modo como o planejamento do crime é descrito, fazendo uso dos verbos no presente do indicativo, cria um efeito de “presentificação” do que se pretende realizar no futuro. Ex: “[...] aí eu ataco ela, (...) dou um chute forte na barriga da bandida e ela desmaia” (FREIRE, 2015, p. 56. – Grifo nosso). Assim, o tempo cumpre no texto a função de (des)mascarar a impotência do personagem, tanto individual quanto socialmente, uma vez que ele não possui poder para mudar a realidade na qual se encontra. No entanto, o próprio tempo o desmascara ao final do conto, mostrando que nada do que o personagem enuncia pode acontecer, pois ele ainda não conseguiu encontrar o amor da sua vida:

[...] como é que é, o que é que eu tô esperando, é, o que é que eu tô esperando para começar, ah, tô esperando arranjar uma namorada, mãe, pensa que é fácil o amor da minha vida, assim, chegar, não é, não é não, rá, rá (FREIRE, 2015, p. 60).

Em “União Civil”, Marcelino Freire apresenta um narrador, cuja profissão é a de escritor. Revisitando lembranças do passado a partir da visão de uma cena em que dois homens empurram um carrinho de bebê, ele tenta mostrar como acontece a construção de um conto na vida de um autor, ao mesmo tempo em que pensa na realização de seu sonho de infância, casar-se e construir uma família com outro homem (JARDIM, 2013, p. 44).

O conto permite algumas interpretações. Seguindo a lógica da definição de metalinguagem - “/.../ procedimento em que se usa a linguagem para falar da própria linguagem. O código explicando o código, voltado para si e se transforma no próprio referente” (LIMA, 2019) -, o conto pode ser classificado como um “metaconto”, pois apresenta um contista explicando que um conto não surge do nada², mas a partir de algum momento da vida. Isso enquanto narra a situação por trás do motivo que o fez escrever tal história, exemplificando, assim, o conceito citado:

Dois homens empurram um carrinho de bebê. / Juntos em silêncio. / Essa imagem eu vi, juro, em São João del-Rei. Os dois estavam solenes – não sei se felizes -, frios, ao sol. Minha imaginação passeou com eles. [...] A imagem dos “dois pais”, digamos, entrou em mim. Feito alma, feito sangue. Na veia, à vera. / A verdade é esta. Essa imagem me pertence faz tempo. Escrever é organizar os sentimentos perdidos. Já creio que posso contar (FREIRE, 2015, p. 75-76).

² “– Um conto não nasce na hora em que a gente escreve, na hora em que a gente está escrevendo. Não nasce quando a gente acaba o conto, põe o ponto final. A impressão que eu tenho é que um conto nasce em algum ponto da vida da gente. Ele fica lá, congelado, esperando que algo o acorde, algo o provoque entende? (...)” (FREIRE, 2015, p. 86).

Esse momento da vida pode receber outra nomenclatura, evento: “[...] todo acontecer vivido da existência que motiva as operações textuais, nelas penetrando como temporalidade e subjetividade” (BOSI, 1988, p. 275), ou seja, o narrador está correto quando define o momento em que um conto nasce na vida de um escritor e que é a partir desse evento que ele põe no papel seu texto, trazendo consigo os aspectos temporais e suas subjetividades.

Outro ponto a ser pensado é o título da narrativa. Segundo o site do Governo Federal:

Foi aprovada nesta terça-feira (14), no Conselho Nacional de Justiça (CNJ), em Brasília, resolução que determina que cartórios civis sejam obrigados a celebrar casamento civil homoafetivos. A decisão acontece dois anos após a união estável entre pessoas do mesmo sexo ter sido aprovada pelo STF (Supremo Tribunal Federal). Os cartórios também não podem se recusar a converter união estável homoafetiva em casamento civil (2013).

No texto de Marcelino Freire, os amantes, o narrador e seu amado, ainda dois meninos, casam-se escondidos por meio de uma brincadeira, ocorrida atrás de uma capela. Mesmo sabendo que, segundo a religião católica, referenciada aqui pelo estilo arquitetônico do templo religioso, como aparece no trecho: “A encenação aconteceu atrás da capela, no parque.” (FREIRE, 2015, p. 77) (cabe ressaltar que a capela é uma construção típica católica), é pecado, justificam para si que Deus não precisa ficar sabendo, como solução para o caso³. A relação dessa cena com o título do conto mostra a oposição entre religião e direitos civis, já que é direito de todo casal homoafetivo ter o reconhecimento de união estável, bem como do casamento civil, sem o risco de ser julgado por este ato em qualquer tribunal de justiça. A religião católica, assim como outras não abordadas no conto, não permite o casamento.

Além da tensão entre direitos civis e religião, o enredo mostra o desejo de um dos meninos em formar uma família, no entanto é impedido pelo medo de como seria tratado pela sociedade, como parece demonstrar os primeiros períodos do trecho a seguir:

³ “- Vamos casar?

- O quê?

- Eu e você, feito homem e mulher.

- Na igreja?

- É.

- É pecado.

- Deus não precisa saber.” (FREIRE, 2015, p. 76).

A gente prometeu esconder a aliança. Coisa de veado, a molecada logo iria dizer. Quem iria entender? Mas aí dormi, agarrado ao anel. Olhando para o teto, imaginando planos. No dia em que cresceríamos, teríamos carro, piscina. Filhos. (FREIRE, 2015, p. 80).

Cabe ressaltar, então, o tempo como causa dessa impossibilidade, uma vez que, no momento vivido citado pelo narrador, aos dez anos de idade, o relacionamento homoafetivo não era aceito, o que, com o passar dos anos (tempo físico ou cronológico) e com as lutas dos movimentos lgbtqia+, no momento em que o conto está sendo narrado, com o personagem/escritor já adulto, não o é.

4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O estudo do tempo na narrativa é importante não só por ser um conceito dotado de grande pluralidade, que auxilia na compreensão de sentidos que a obra propõe, mas também pelo fato de ser o fator que manipula a narração. A maneira como o autor faz uso desse recurso, portanto, diz muito sobre seu estilo de escrita, bem como de suas intenções em relação ao leitor.

De acordo com POUILLON (1974, p.23): “[...] os personagens são vistos no tempo, mas este é mais do que o lugar dos mesmos”. Descrever esse tempo é revelar os personagens, justificando, assim, mais uma das razões da importância do estudo do tempo na narrativa.

No conto “Crime”, é possível destacar a ação do tempo psicológico em grande parte do enredo, já que, segundo NUNES (2013, p. 19):

O primeiro traço do tempo psicológico é a sua permanente descoincidência com as medidas temporais objetivas. [...] Variável de indivíduo para indivíduo, o tempo psicológico, subjetivo e qualitativo, por oposição ao tempo físico da Natureza, e no qual a percepção do presente se faz ora em função do passado ora em função de projetos futuros.

Cabe, então, aqui, o plano arquitetado pelo personagem/ enunciador, que é o plano central do enredo, bem como todos os acontecimentos previstos por ele.

A não realização do desejo do personagem/enunciador, entretanto, pode ser explicada por outro fator temporal, o tempo físico, que tem sua definição baseada na sucessão regular dos eventos naturais, causa e efeito, ou seja, sem um ou outro não pode existir (NUNES, 2013, p.19), e o próprio personagem/enunciador reconhece

essa lei ao justificar porque ainda não colocou seu plano em prática, como apresenta o trecho a seguir, citado anterior: “[...] o que é que eu tô esperando para começar, ah, tô esperando arranjar uma namorada, mãe, pensa que é fácil o amor da minha vida, assim, chegar, não é, não é não, rá, rá.” (FREIRE, 2015, p. 60).

Importante destacar a intencionalidade de Freire com a escrita do conto. Essa não é apenas apresentar o plano de um rapaz de sequestrar a namorada, mas chamar a atenção do leitor para as questões sociais vividas por esse narrador, que, sendo vítima do descaso do Estado, acaba optando por uma atitude drástica com o objetivo de ser visto e ouvido. O contista têm a função de levar o leitor além do que está escrito, de fazer com que ele seja sensibilizado, provocado ou desafiado pelo enredo que está lendo (CORTAZAR, 2006, p. 151).

Para CORTAZAR (2006, p. 150-151), ainda:

O elemento significativo do conto pareceria residir principalmente no seu *tema*, no fato de se escolher um acontecimento real ou fictício que possua essa misteriosa propriedade de irradiar alguma coisa para além dele mesmo.

Ao abordar os problemas sociais, Marcelino atinge, então, esse objetivo de levar o leitor à reflexão daquilo que está além das páginas do conto, de pensar no que pode levar uma pessoa a cometer o ato descrito pelo personagem/enunciador do enredo.

A tensão e a intensidade apresentadas e vividas do início até o final do texto prendem o leitor e “fazem com que o conto fique gravado na memória dele” (CORTAZAR, 2006, p. 159), sendo, então, uma prova do bom desempenho do contista, uma vez que “tanto a intensidade da ação como a tensão interna da narrativa são o produto do (...) ofício de escritor” (CORTAZAR, 2006, p. 158), ou seja, é a função dele fazer bom uso desses dois fatores determinantes para a relevância do texto.

Já em “União Civil”, é o fato de o narrador/escritor, enquanto escreve, lembrar do passado que torna os discursos quase que pertencente ao mesmo plano (JARDIM, 2013, p. 47). Fica difícil para o leitor, em alguns momentos, distinguir o que é presente e o que é passado, como se essa junção fosse capaz de tornar real o desejo de criança do personagem. Ainda segundo JARDIM (2013, p. 46):

“Falar/escrever sobre o passado atualiza-o, e temos no conto, por segundos, a coincidência dos tempos em uma instável tentativa de sobrepor-se em sua liquidez”.

A ação do tempo é apresentada por meio da narrativa de dois passados do personagem/escritor, enunciador do conto, um vivido em São João Del Rei (MG), quando palestrava sobre narrativas curtas e sobre seu novo livro, e outro ligado à sua infância em Pernambuco. Este último é relembrado a partir da visão dos dois homens empurrando o carrinho de bebê, cena que ele usa como exemplo para explicar sua teoria em relação ao momento em que um conto nasce. O uso que o escritor faz desses passados na construção do enredo da história definem o sentido de “metaconto”, citado anteriormente, pois, ao relatar esses dois momentos, exemplificando como surge um conto na vida de um escritor, temos um conto falando sobre o conto.

É por meio da manipulação do tempo da narrativa que:

O narrador tenta refazer o passado, dando nova forma ao futuro, permitindo a si a ilusão de ser dono autônomo das escolhas, das perguntas e das respostas, coisa que, na vida real, não é bem assim (JARDIM, 2013, p. 50).

Segundo POUILLON (1974, p. 174), “o homem é o que o seu passado fez dele; o que faz hoje é “determinado” pelo que fez outrora (ou pelo que lhe foi infligido)”, ou seja, é por conta da realidade em que vive, na qual o casamento homoafetivo é legalizado e aceito pela sociedade, que o narrador/escritor busca refazer seu passado, a fim de que seu presente/futuro seja vivido com o amado da infância, realizando, assim, seu desejo, mas não consegue.

A tentativa de realização do desejo é feita pelo uso do *tempo psicológico*. Esse se mostra nos momentos em que o narrador/escritor revive suas lembranças de criança em Pernambuco e fantasia seu “presente” com seu amado. O tempo psicológico, de acordo com NUNES (2003, p. 19), “se compõe de momentos imprecisos, que se aproximam ou tendem a fundir-se, o passado indistinto do presente, abrangendo, ao sabor de sentimentos e lembranças”. O uso desse aspecto temporal na, quase, totalidade do conto faz, conforme citado acima, com que o leitor fique em dúvida do que é real ou fantasia.

Cabe ressaltar aqui também a tensão e intensidade citadas acima, já que é algo presente na narrativa desde o primeiro parágrafo, com os dois homens empurrando o carrinho de bebê, na brincadeira de casamento das duas crianças

atrás da igreja, no reencontro fantasioso do narrador/escritor e na sua fala na palestra sobre narrativas curtas.

O conto mostra que o amor nem sempre basta para concretização dos desejos, que as escolhas são fatores que nem sempre levam a finais felizes e que, “mesmo na literatura, não é possível ter tudo, ainda mais tendo o tempo como adversário” (JARDIM, 2013, p. 50).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

O estudo do tempo na narrativa se faz necessário, pois é ele o objeto de manipulação do autor, que faz uso de sua multiplicidade a fim de reorganizar o caos da realidade, criando, assim, uma nova realidade, aquela que terá como objetivo final causar impacto no leitor, de maneira que o faça refletir sobre o tema abordado na obra, seja dando voz àquele que não possui ou debatendo problemas sociais de sua época. Dessa maneira o tempo cumpre o papel de influenciar nas possíveis interpretações daquilo que se lê.

É, então, por meio da literatura que a articulação do tempo é feita, bem como a tentativa de organização da realidade e suas críticas às ações humanas.

Segundo CANDIDO (2011, p. 177):

[...] nas nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação [...] Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas.

Além da possibilidade de viver dialeticamente, a literatura, “sendo objeto verbal organizado, permite, mesmo que de maneira inconsciente, a possibilidade de organização da mente e dos sentimentos, e, assim também, a visão de mundo” (CANDIDO, 2011, p. 179), dois aspectos bem fortes na escrita de Marcelino Freire, o primeiro presente no conto “União Civil”, com o narrador/escritor buscando reorganizar seu passado/presente/futuro, e o segundo aspecto presente no conto “Crime”, quando Freire dá voz ao narrador/enunciador, que relata seu plano carregado com críticas sociais. Segundo CANDIDO (2011, p. 179), “A organização

da palavra comunica-se ao nosso espírito e o leva, primeiro, a se organizar; em seguida, a organizar o mundo.” O crítico segue dizendo que:

[...] as palavras organizadas são mais do que a presença de um código: elas comunicam sempre alguma coisa, que nos toca porque obedece a certa ordem. Quando recebemos o impacto de uma produção literária, oral ou escrita, ele é devido à fusão inextricável da mensagem com sua organização. (...) Em palavras usuais: o conteúdo só atua por causa da forma, e a forma traz em si, virtualmente, uma capacidade de humanizar devido à coerência mental que pressupõe e que sugere. O caos originário, isto é, o material bruto a partir do qual o produtor escolheu uma forma, se torna ordem; por isso, o meu caos interior também se ordena e a mensagem pode atuar. Toda obra literária pressupõe esta superação do caos, determinada por um arranjo especial das palavras e fazendo uma proposta de sentido (CANDIDO, 2011, p.180).

Essa organização do caos é o princípio de todo escrito literário, bem representada nos contos analisados por esta pesquisa, sendo ela a organização em busca de um desejo de infância ou a tentativa de ser ouvido em uma sociedade na qual nem todos têm o direito de fala.

Daí a importância de estudar e garantir acesso à literatura a todos os indivíduos, seja ela erudita ou popular, pois esta é um direito de cada um, uma vez que é do ser humano a necessidade de fabulação, que ocorre desde uma piada, um caso, até a escrita de uma obra canônica (CANDIDO, 2011. p. 176), a qual ajuda na organização do caos de cada indivíduo.

REFERÊNCIAS:

BOSI, Alfredo. A interpretação da obra literária. **Céu, Inferno**: ensaios de crítica literária e ideológica. São Paulo: Ática, 1988. p. 275.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. **Vários Escritos**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011. p. 176-180.

CORTAZAR, Julio. Alguns aspectos do conto. **Valise de cronocópio**. Tradução: Davi Arrigueli Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 1993. p. 150-159.

FREIRE, Marcelino. “Crime” e “União Civil”. In: **Amar é Crime**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2015. p. 55-60; 75-87.

JARDINI, Tereza. Reflexões de leitura em União Civil: As escolhas e o tempo.

SILVA, Maurício e COUTO, Silva (orgs.) **A miséria é pornográfica**: ensaios sobre a ficção de Marcelino Freire. São Paulo: Terracota, 2013. p. 43-51.

LIMA, Cleane. “Metalinguagem”. **Educa Mais Brasil**. 2019. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/lingua-portuguesa/metalinguagem>
Acesso em: 17. fev. 2021

MARCELINO Freire. **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa37freire>. Acesso em: 24 de fev. 2020. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.

NUNES, Benedito. **O tempo na narrativa**. São Paulo: Edições Loyola, 2013. p. 19-70.

POUILLON, Jean. **O tempo no romance**. Trad. de Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix e Edusp, 1974.

ROCHA, Sandrielle Aparecida Bueno da. **Narrativa e encenação**: um estudo sobre diálogos e monólogos em contos de Marcelino Freire. Dissertação (Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis) – Assis. Universidade Estadual Paulista. 2015. p. 21-26.